

**Antropologia do cotidiano e da
experiência envelhecete – ou para
se pensar “homossexualidade masculina”
e “envelhecimento gay” a partir de Soure
(Marajó/Pará)**

*Everyday anthropology and oldering experience – or to think
“male homosexuality” and “gay aging” from Soure (Marajó/Pará)*

Wladirson Cardoso

Doutor em Antropologia Social.

Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

wladirson.cardoso@gmail.com



Resumo

Este artigo é uma síntese de minha tese de doutoramento, na qual realizei uma possível etnografia das práticas e do(s) modo(s) de vida gay, objetivando discutir, em particular, os limites e as marcas diacríticas e transversais existentes na comparação entre a questão do envelhecimento e a problemática da homossexualidade masculina, em vista do *ethos* socioantropológico de homens maduros em processo de envelhecimento que fazem ou praticam sexo com outros homens no contexto das relações homoafetivas e sexuais da cidade de Soure (Marajó/Pará). O entrecruzamento de temas, a partir da coorte geracional de homens gays e (também) envelhecetes, levou em consideração tanto a paisagem homoerótica quanto os espaços de sociabilidade gay em um âmbito social-cultural não metropolitano de uma cidade localizada na Amazônia Marajoara.

Palavras-chave: Homossexualidade masculina. Envelhecimento gay. Amazônia Marajoara.

Abstract

This article is a very brief summary of my doctoral thesis, which realized a possible ethnography of practices and (s) mode (s) of gay life, aiming to discuss, in particular, the limits and diacritical marks and cross existing in comparison between the issue of aging and the problems of male homosexuality, in view of the socio-anthropological *ethos* of mature men as they age they do or have sex with men in the context of homoafetivas and sex of the City of Soure (Marajó/Pará) . The interweaving of themes, from the generational cohort of gay men and (too) aging process, took into account both the homoerotic landscape, as the spaces of gay sociability in a social-cultural context and non-metropolitan islet of a city Amazon Marajoara.

Keywords: Male Homosexuality. Gay aging. Amazon Marajoara.

Soure – tempo/lugar e homossexualidade: itinerários cartográficos de uma pesquisa

“Saiba:
Todo mundo foi neném”
(Saiba – Arnaldo Antunes)

“Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?”
(Retrato – Cecília Meirelles)

Com aproximadamente 87 km de Belém, a cidade de Soure – localizada na costa oriental da Baía do Marajó – é conhecida pelas enormes fazendas de campos alagados, onde pastam tranquilamente grandes búfalos pretos, que servem não somente para o transporte de carga, mas também para o corte e a produção do leite, utilizado na fabricação caseira/tradicional de queijo – o famoso *Queijo do Marajó* –, apreciado pelos habitantes nativos e servido como iguaria para visitantes e turistas da capital e/ou do Brasil e do exterior. Num trajeto que dura entre três horas/três horas meia e que vai da Companhia Docas do Pará (CDP), no cruzamento da Avenida Doca de Souza Franco com o Boulevard Castilhos França – na “Cidade das Mangueiras” –, até o Porto de Camará – já na Grande Ilha – prossegue-se, em via terrestre, até a cidade de Salvaterra, de onde se atravessa de “barquinho pô-pô-pô”¹ pelo rio Paracauari até a Ponte do Trapiche da “Pérola Marajoara”.

De ruas largas e numeradas, com frondosas mangueiras ao centro e com um Mercado Municipal de frutas, verduras, peixes e artefatos – vendidos como “autêntico” registro da cultura material dos nativos do lugar –, Soure é uma cidade de médio porte, isto é, com uma atividade econômico-comercial que atende às necessidades dos pouco mais de 23.001 habitantes municipais e dos moradores das comunidades próximas, como, por exemplo, a comunidade do Caju-Una². Possuidora de uma história caracterizada por ciclos, tal qual o da colonização e o das fazendas de criação de equinos e de bubalinos (que, por sua vez, garantiu a territorialização dessa parte da Ilha), Soure abriga uma Prelazia da Igreja Católica e durante algum tempo gozou de

¹ É uma embarcação típica dos rios da Amazônia que, devido ao tamanho e ao barulho do motor a óleo Diesel, recebe a onomatopeia de “pô-pô-pô” como qualificativo específico e distintivo.

² De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total de Soure é de 23.001 habitantes, de modo que desse total 11.432 são de homens e 11.569 de mulheres. Na faixa etária dos 30 a 100 anos, o número de mulheres também supera o de homens, de acordo com os resultados do Censo, ficando em uma faixa de 4.775 mulheres para 4.459 homens.

prestígio e importância política na região, sendo alcunhada de “Capital do Marajó”, situação que começou a se inverter na segunda metade do século XX, perdendo o distrito de Salvaterra, que, hoje em dia, é o maior município em termos econômicos e populacionais do arquipélago.

Assim, enquanto Salvaterra vive a fleuma de sua “vocação turística”, de um lugar que se entrega àquela corrente alvoroçada de banhistas sedentos de “praia”, a tranquila Soure descansa esplendidamente de uma “*belle  poque*” que somente se agita em folias no período das férias escolares de janeiro/fevereiro, do carnaval e do chamado “verão amazônico” do mês de julho. Entretanto, é justamente na vida quase açoriana dessa realidade dos pastos aquosos e fluidos da Amazônia que se encontra um grupo de amigos que se reúnem frequentemente na casa do mais velho deles para celebrar sua amizade, dividir uma boa companhia e brindar aprazíveis histórias de flertes e conquistas.

É, portanto, nessa “geografia” – que se desenha nos contornos de um relevo homoerótico e diferenciado, mas também inc modo e perturbador – onde vivem Agatão, Fedro, Eriximado e Paus nias³, quatro amigos que se ajudam e se “suportam”, ao mesmo tempo que brigam e discordam – mas, sobretudo, envelhecem juntos... Esse grupo de amizade e apoio constitui-se, destarte, no ponto nodal de uma paisagem homossexual complexa que aproxima categorias e/ou conceitos que se vinculam numa descrição

³ Como esta pesquisa trata do modo de vida e da intimidade de *gays envelhecetes* na cidade de Soure e, com isso, procura investigar seu lugar na “paisagem social” do Marajó, resolvi atribuir aos sujeitos pesquisados os nomes das personagens mais expressivas do *Symposium (O Banquete)*, do velho sábio Platão. Assim, tanto por razões  ticas – particularmente no que diz respeito à pesquisa com seres humanos (em Antropologia Social) – quanto por motivos de caráter teórico e epistemológico, acredito que o recurso do “apelido”, que substitui, f cticia ou imaginariamente, o nome de registro dos entrevistados, apresenta aqui, no mínimo, três dimensões: a primeira de caráter lúdico-imagético, o que está de acordo com o pensamento de Clifford Geertz (1989), para quem a Antropologia   também uma prosa ficcional, de maneira que a interpretação semiótica da cultura  , inequivocamente, uma prerrogativa do ofício do etnólogo. A segunda dimensão de caráter metodológico e procedimental diz respeito à maneira como o pesquisador deve, necessariamente, tratar seu interlocutor, uma vez que não se trata de descrever objetos brutos do mundo natural, e sim sujeitos que possuem – como se diria em Filosofia Prática – autonomia da vontade e que, justamente por isso, merecem ter sua singularidade preservada, não de um modo qualquer, mas de forma a expressar artística/esteticamente seu *devoir homossexual*, levando-se em consideração o que Ant nio Cristian Saraiva Paiva (2007, p. 45-46) orienta quando afirma que a “[...] delicadeza para tratar da vida de outras pessoas em nossos textos interpela nossos gestos de ver, ouvir e escrever e indaga-nos naquelas dimensões apontadas por Roberto Cardoso de Oliveira: moralmente, politicamente, epistemologicamente. É preciso saber de que lado estamos, segundo a expressão de Becker (1977:122), não para referir um nós oposto a eles, mas para estarmos cientes de que ‘não podemos jamais evitar tomar partidos’, e que, mesmo segurando nas mãos as rédeas dos ‘cães de guarda da metodologia’ (BORDIEU), nossos dados jamais são imparciais”. Somente assim é que, de acordo com Paiva (2007), conseguiremos prosseguir com uma *escrita mais proximal*, isto é, intensiva e distante da escrita-comentário (escrita-porta-voz, escrita-poster) que cristaliza as identidades. Em terceiro e último lugar, a referência a Platão é, sem d vida, fundamental, pois, a despeito de abordar a natureza de *Eros* com vistas à circunscrição dessa potência amorosa ao seu projeto filosófico ideal stico, não sensual e, portanto, incorpóreo, existe na economia do texto do *Symposium* uma reflexão sobre o amor entre iguais que, por sua vez, implica um *estar junto entre homens*. Cf. PLATÃO. *O Banquete – Apologia de Sócrates*. Belém: UFPA, 2001.

etn-cartográfica de relações bastante singulares, definindo, assim, uma fronteira entre “homossexualidade masculina” e “envelhecimento gay”, em que o jogo afetivo se dá no horizonte de um registro marginal e dissidente, num sentido múltiplo, digo, “homem gay” e “homossexual envelhecete”⁴.

As estratégias de sobrevivência e de resistência ao preconceito homofóbico – seja na sua truculência discursiva, quando, por exemplo, são acusados de pedofilia pelo Bispo representante da Prelazia, seja pela sutileza do gesto cordial e, obviamente, hipócrita da polícia, que já “reconduziu” um deles até a própria residência, para, com isso – supostamente – “evitar o perigo” – impõem-lhes um modo de vida íntimo, singular, performatizando não somente a amizade de uma maneira autêntica, mas também o gênero, os limites e possibilidades do corpo no envelhecimento, o desejo, o prazer, o sexo e o gozo.

Ora, sabe-se que a performatividade sociosexual implica certo número de práticas e técnicas corporais que descrevem um conjunto variado de cuidados de si para um uso ético/estético da sexualidade. Destarte, se considerarmos a especificidade do modo de vida gay e das experiências homoeróticas desse grupo de velhos homossexuais, nativos e/ou habitantes de Soure, tornar-se-á possível descortinar, sociológica e antropológicamente, alguns aspectos da política de sua existência e, certamente, do reposicionamento da questão da envelhecência quanto ao alargamento dos horizontes teóricos, no que diz respeito à questão da “terceira idade LGBT”.

Métodos e técnicas de pesquisa; campos e sujeitos da etnografia

A entrada no campo de pesquisa ocorreu mediante contatos previamente estabelecidos através de um conhecido próximo que chamarei de Pausânias, que é natural de Soure e que me apresentou aos demais sujeitos/agentes da pesquisa, que denominarei de Agatão, Erixímaco e Fedro. Eles são amigos de muitos anos, possuem uma convivência frequente e têm uma média de idade que varia de 45 (quarenta e cinco) a 82 (oitenta e dois) anos. Todos possuem uma importância política e social em Soure – quer pela via da educação, quer pela via da religião. Ademais, performatizam sociosexualmente o desejo e o prazer homoeróticos através de táticas e estratégias que contrariam os preconceitos acerca da “bicha velha” e que

⁴ A noção de envelhecência, que caracteriza, aqui, o sujeito envelhecete, diz respeito à compreensão do envelhecimento e da velhice como algo processual e constante, diferentemente, pois, dos entendimentos e usos comuns que se fazem desses termos, em que homens/mulheres ditos velhos são percebidos e/ou pensados como decadentes, decrépitos ou, radicalmente, abjetos.

subvertem os limites e fronteiras preestabelecidos, relativamente aos gêneros e aos papéis do masculino e do feminino.

De agosto de 2012 a abril de 2014, realizei 7 (sete) viagens de campo, num intervalo de datas compreendidas entre os dias 02/08/2012 a 06/08/2012; 20/10/2012 a 10/11/2012; 10/01/2013 a 19/01/2013; 15/03/2013 a 17/03/2013; 15/07/2013 a 03/08/2013; 07/08/2013 a 12/08/2013 e, finalmente, 17/04/2014 a 28/04/2014. Em termos estritamente antropológicos, lancei mão dos aportes e referências da Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz (1989) e realizei observação participante, com encontros que permitiram *conversas e entrevistas* de caráter muito mais *dialógico e aberto* do que propriamente com um aspecto instrumental e técnico. Dessa feita, pude entrecruzar as temáticas do envelhecimento e da homossexualidade masculina, considerando a realidade sócio-histórica e antropológica de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecimento, nativos de uma cidade praiana, de vocação turística, situada na maior ilha fluvial do mundo e que se encontra localizada entre os muitos campos e águas do vale amazônico.

No que diz respeito à interface entre envelhecimento e sexualidade, parto das observações de Simões (2005, p. 2), para quem a convergência desses temas remete “[...] à confluência e ao confronto entre o corpo e a cultura”. Segundo o autor, considerar esses temas leva, inequivocamente, a uma tensão que opõe a “facticidade material do corpo” e a sua “construção social”⁵. É justamente nesse sentido que o autor afirma:

[s]e a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice são recorrentes na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento, ou, pelo menos, constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea, eles parecem atingir o seu ápice quando se considera a chamada “cultura gay masculina” dos centros urbanos e das metrópoles. Nesse cenário,

⁵ Para Simões (2005): “[q]uando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana à maneira ocidental dominante – isto é, como o movimento do ser corpóreo através do tempo concebido como progressão cronológica rumo à finitude – envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que se excluem mutuamente. O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude”. Cf. SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando Idades e Identidades Sexuais. In: PISCITELLI, Adriana et al. (Org.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 415-447. Para uma leitura mais aprofundada do corpo enquanto construção/modelação técnica da cultura, conferir: MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia V. II*. São Paulo: EPU/EdUSP, 1974. p. 209-233.

aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da depreciação de sua atividade como parceiros sexuais desejáveis e da decorrente marginalização pelos mais jovens. Aos mais velhos, só restaria pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada (SIMÕES 2005, p. 3).

Para Simões (2005, p. 7), “[...] a vida como platô sem forma definida, aberto para variação e a invenção, em oposição a outras representações que se fundamentam precisamente no reconhecimento de diferentes etapas”, é o que deve permear uma nova concepção de velhice, que, no campo das homossexualidades, pode contribuir, eminentemente, para o reposicionamento da questão gay (ERIBON, 2008), em termos geracionais. Ora, de acordo com Simões (2005), existiriam, basicamente, três “paradigmas” que, comparativa e contrastivamente, visam explicar a passagem do tempo, segundo representações pautadas:

1. na ideia de “ciclo da vida”, traduzida em “fases” (nascimento, crescimento, maturação, reprodução, declínio e morte) que se reproduziriam ao longo das gerações;
2. na ideia de “progressão da vida”, segundo a qual a existência caracteriza-se por ser um processo linear de desenvolvimento psicológico, considerando-se mesmo a compensação das perdas biológicas do envelhecimento mediante os ganhos culturais específicos desta etapa;
3. na “ideia romântica da queda”, que, por sua vez, encontra-se traduzida na “[...] concepção que valoriza a infância e a juventude como pontos altos da vida, ficando as demais etapas marcadas pela busca frustrada de recuperação desses valores” (SIMÕES, 2005, p. 7).

A ideia ou concepção de “curso da vida”, entendida como “platô analítico-conceitual”, não substituiria, conforme Simões (2005), as demais

representações; muito pelo contrário, procuraria “[...] deslocá-las pela crítica a seus supostos de divisão do processo de vida em estágios descontínuos e de suas respectivas valorações” (SIMÕES, 2005, p. 7). O “paradigma do curso da vida” questionaria, pois, as representações anteriores, constituídas em “narrativas” do ciclo, do desenvolvimento e da queda, desconstruindo as supostas ordenações e previsões acerca do processo de vida humana. Para Simões (2005, p. 7-8):

[o] ponto central da crítica é assinalar que as mudanças históricas e culturais alteram os padrões de desenvolvimento e transição na vida adulta para diferentes grupos, gerações ou coortes. O paradigma do curso da vida se coloca como tendência alternativa voltada para o reconhecimento de que qualquer ponto da trajetória da vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente. [...] Na perspectiva do curso da vida, conceitos como geração e coorte geracional ganham relevância e são retomados numa perspectiva que remonta, em grande parte, à visão clássica de Mannheim, em seu célebre ensaio “O problema sociológico das gerações” (Mannheim, 1982). A questão central é a similaridade de situação, dentro de um mesmo tempo histórico, que é criada pela estratificação etária e permite gerar entendimentos particulares de si e dos outros, a partir de interações coletivas compartilhadas dos eventos históricos. A ênfase aqui não é tanto em continuidade e reprodução, mas nos hiatos, rupturas, improvisações, invenções que singularizam experiências geracionais. Sob circunstâncias históricas específicas, certas coortes podem se mostrar extremamente ativas no direcionamento de mudanças de comportamento e na produção de uma “memória” ou “tradição” de referência coletiva – como parece ser o caso da geração baby-boomer do pós-guerra, nos países

ocidentais (Brasil incluído), que também é a que contribuiu decisivamente para a produção das modernas “culturas gays”, bem como de nossos discursos e imagens do envelhecimento.

Nesse sentido, *para além da juventude*, e rompendo com os estigmas (GOFFMAN, 2012) da “incapacidade” e da “decadência”, apresento essa *antropologia da experiência e do modo de vida gay de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento* que desenvolvem suas “carreiras homoeróticas” no contexto ilhéu da cidade de Soure, compreendendo-se aqui por “carreira” o percurso existencial do ser gay em um lócus não metropolitano, em que as estratégias de burla e negociação descrevem outros mapas, cartografias alternativas, diversas, em relação a normas e regras heterossexuais.

Portanto, trago uma discussão teórica e metodológica da pesquisa que transita entre os conceitos e categorias da Antropologia da Sexualidade e as propostas interpretativas da Antropologia Contemporânea. Demonstro como envelhecimento e homossexualidade se articulam e constituem uma problemática ainda pouco investigada e, finalmente, delimito o campo da pesquisa, correlacionando, fundamentalmente, a questão do envelhecimento gay à noção de paisagem, a qual se apresenta importante para se compreender a rítmica social da Amazônia Marajoara.

Nesse sentido, *nas dobraduras do contexto e nas problemáticas do texto – a questão social do envelhecimento gay a partir das experiências de Agatão, Erixímaco, Pausânias e Fedro –*, constitui-se o ponto central para se compreender o modo de vida e o cotidiano privado de cada um deles, em vista da pesquisa de campo, da observação participante e dos relatos obtidos/coletados durante as viagens a Soure e as visitas à casa de Agatão, principalmente. Dessa maneira, abordo a convivência de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecimento, suas interações, afinidades, conflitos e tensões, bem como suas técnicas/táticas de paquera e flerte, isto é, a “caça aos bofes/boys”, suas autopercepções histórico-sociais, suas performatividades sexuais, os cuidados consigo, com o corpo, com o desejo, com o prazer, numa palavra: sua *ars erótica* – enquanto uma resistência à melancolia e à homofobia, num movimento de ressignificação da vida.

Para uma compreensão ampliada dos operadores conceituais que trago à baila, descrevo, ainda que breve ou indiretamente, as nuances do “circuito gay” de Soure – particularmente no “veraneio”, isto é, nas férias

escolares de julho, bem como demonstro como a realização da “VIII Parada do Orgulho LGBT de Soure” prova: 1) a existência de uma vida gay na cidade e 2) como a organização dessa mesma Parada e seu *modus operandi* possui especificidades que a diferenciam das Paradas de Belém e da que se realiza na cidade de São Paulo, trazendo um quadro comparativo, no qual a única semelhança entre elas é a ausência do debate em torno da questão da envelhecimento homossexual. Nessa direção, exponho no texto as contraposições críticas de Agatão ao Movimento LGBT e procuro demonstrar que a participação política e social dele e de seus amigos, por exemplo, ocorrem mediante outros parâmetros de atuação.

Em linhas bastante gerais, pode-se dizer que a discussão acerca do envelhecimento humano não pode se limitar, exclusivamente, ao domínio da Psicologia ou da Geriatria, tampouco da Gerontologia (CORREA, 2009). Entretanto, a figura jurídica do “idoso”, presente na legislação brasileira (Lei n. 10.741/03), quanto à definição do fenômeno humano da velhice, também não contempla a diversidade real, no que se refere às representações sociais acerca desse período da vida (MOTA, 2009). Os grupos etários e geracionais são culturalmente definidos e, como tal, variam de acordo com os contextos e com a relação que cada grupo humano mantém com a passagem do tempo e os imponderáveis da existência (SIMÕES, 2005).

Delimitar, portanto, faixas de idade para demarcar a saída e, conseqüentemente, a entrada em um determinado grupo etário é, pois, arbitrário, circunstancial. Assim, a noção de “terceira idade” dever ser compreendida apenas como um parâmetro e não como uma medida exata dos limites entre “o vigor e a maturidade” e “o ocaso ou o fim”. Nesse sentido, o envelhecimento tem de ser pensado como um processo contínuo e ininterrupto que se impõe a todos/as como parte da dinâmica da própria vida, mas, ainda, enquanto uma condição pessoal e cultural (MUCIDA, 2009).

Da complexidade da envelhecimento dos interlocutores de Soure

A complexidade das relações vivenciadas entre Agatão, Fedro, Erixímaco e Pausânias, isto é, seus consensos e seus dissensos, ou melhor, suas alianças e suas discordâncias, é experienciada numa “rítmica paisageira” (SANSOT, 1983) que descreve o cotidiano daquela “Cidadezinha Qualquer”, descrita e celebrada, antologicamente, em poema através da ilustre pena de Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 63), onde “[...] Um homem vai

devagar. / Um cachorro vai devagar./ Um burro [e um búfalo] vai devagar./ [E] [d]evagar... as janelas olham”. Muitas vezes, era engraçado e, ao mesmo tempo, angustiante ir à casa de Agatão, por exemplo, e esperar que um de seus amigos aparecesse e me concedesse meia hora que fosse de uma simples observação participante. Outras vezes, era frustrante marcar com Fedro ou Erixímaco na casa de Agatão e me deparar apenas com a “imagem do sábio da Ilha de U-topos”, sentado confortavelmente em sua cadeira, escutando música e “cruzando palavras”. No entanto, em cada viagem a Soure, minha proximidade com Agatão aumentava e meu (*im*)*provável* “afastamento antropológico” no tocante aos sujeitos/agentes da pesquisa trocava-se, também, em convivência e amizade.

Agatão e seus amigos tornaram-se, então, meus “dialogadores”, meus colaboradores, mas não como objetos de realidade aos quais a “razão legisladora” se dirige para deles extrair juízos de ciência. Porém, como mestres que me auxiliavam a compreender as peculiaridades do desejo, a diversidade dos prazeres, o uso múltiplo do gozo, as vicissitudes da existência e a dor e a delícia de envelhecer – com todas as suas alegrias, angústias, contradições, paciências e impaciências, tolerâncias e intolerâncias, estratégias de resistência (à solidão, à debilidade do corpo e à morte) e com todos os seus sonhos realizados ou não, amores vividos ou não, esperanças e frustrações –, o que Agatão, Fedro, Erixímaco e Pausânias me ensinavam talvez constitua uma matéria significativa de uma *ars erotica* que não cabe em nenhuma descrição da *scientia sexualis*.

O teor das conversas, os problemas existenciais discutidos e a maneira “gongativa”, “tombativa” e “frescativa” com que Fedro, Erixímaco e Pausânias se tratavam nos encontros na casa de Agatão permitiram-me, finalmente, a inserção no universo de minha pesquisa. Durante nossos encontros, Agatão sempre me informava de algum aspecto, digamos, “pitoresco” da vida de seus amigos, da mesma forma que estes sempre me relatavam as impressões que tinham de Agatão, o que me auxiliou na elaboração de um quadro com os aspectos gerais que descrevem alguns marcadores que identificam cada um deles, quanto ao lugar que ocupam em Soure, as preferências políticas, religiosas e sexuais e, obviamente, as relações que eles estabelecem entre si (Quadro 1):

Quadro 1: Marcadores sociais de geração e de preferências sexuais

NOME	Agatão	Fedro	Erixímaco	Pausânias
IDADE	82	45	67	57
NATURAL	Soure	Soure	Soure	Soure
PROFISSÃO	Professor	Cozinheiro (mas vive, também, do “Ifá”, isto é, do “jogo de búzios” no candomblé, onde é “feito”, ou seja, é Pai de Santo).	Professor	Professor
SITUAÇÃO LABORAL	Aposentado	Em atividade	Aposentado	Em atividade
RESIDENTE	Soure	Soure	Soure/ Caju-Una	Belém
CONVIVÊNCIA	Frequente	Frequente	Frequente	Eventual
RELIGIÃO	Católico não praticante	Candomblé de Orixá e Caboclo. No seu Terreiro, gira-se, isto é, dança-se para divindades africanas e, também, para espíritos de encantados.	Católico praticante e líder político e religioso na comunidade do Caju-Una, onde organiza o Círio de São Sebastião.	Sem religião

PARCEIROS FIXOS	Sim	Não	Não	Não
PARCEIROS EVENTUAIS	Sim	Sim	Sim	Sim
PREFERÊNCIAS SEXUAIS	Jovem Ativo	Jovem/Adulto Ativo	Jovem Ativo	Jovem/Adulto Ativo

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode perceber no Quadro 1, todos são nativos de Soure. Agatão é o mais velho e Erixímaco é o que mais se aproxima dele em termos geracionais. De todos, Fedro – mais jovem – é o único que não é professor. Agatão possui residência fixa e quase não sai de Soure, a não ser quando vai às consultas médicas em Belém, hospedando-se no apartamento de uma sobrinha no centro da cidade. Fedro também reside em Soure e sua mãe é vizinha de Agatão. Erixímaco divide-se entre Soure e a comunidade do Caju-Una, onde é líder político e religioso, assemelhando-se a Pausânias, que reside em Belém, mas está frequentemente em Soure. Agatão e Erixímaco já são aposentados, diferentemente de Fedro e Pausânias, que ainda estão em atividade.

Agatão é o único que tem parceiro fixo, o “Preto”, mas tanto ele quanto os demais têm casos eventuais com jovens e/ou homens adultos ativos. Um ponto de atrito/conflito, principalmente entre Agatão e Fedro, é a religiosidade. Agatão diz ser católico, mas não acredita na Igreja, enquanto Fedro é iniciado no candomblé e tem um terreiro, o Recanto de Ogum. No entanto, todos possuem um laço muito forte de identificação e um respeito enorme por Agatão,

que parece ter uma ascendência/influência muito grande sobre eles, tanto por ser o mais velho quanto por ter uma “carreira homossexual” e uma trajetória político-cultural muito anterior a de Fedro, Erixímaco e Pausânias.

A esse respeito, Paiva (2009, p. 201) questiona-se:

[q]uando é, por exemplo, que um gay começa a envelhecer? Quando se depara em “envelhescência”? Aos trinta? Aos quarenta? Aos cinquenta? A matriz heterossexual nesse sentido ajuda a delimitar um campo mais ou menos desenhado para essa marcação: envelhece-se quando os filhos saem de casa, ou quando casam, ou quando vêm os netos... Mas quando não há esses marcadores geracionais expressos na norma conjugal e familiar, quando é que se começa a envelhecer? E o que a experiência de envelhecer faz mudar a percepção de si, do outro e do mundo?.

No caso dos interlocutores, digo, sujeitos/agentes desta pesquisa, envelhecer é uma realidade da qual não se pode escapar. Todavia, sempre que lembravam ou pensavam na envelhecência remetiam-se a Agatão. Desse modo, a partir das falas e relatos coletados em campo, pude estruturar o próximo quadro (abaixo), por meio do qual é possível notar que, para Fedro, Erixímaco e Pausânias, o envelhecimento de Agatão significava uma espécie de espelhamento – através do qual também se percebiam – e de projeções (GARCIA-ROZA, 2005), mediante as quais se posicionam comparativa e contrastivamente (Quadro 2).

Quadro 2: Percepção dos amigos acerca da envelhecimento de Agatão

NOME	DATA	RELATO/DEPOIMENTO
Fedro	25/10/2012	“Ela diz que não sai de casa, mas não é por outra coisa: é porque ela já é 'barroca', mana! Por isso que ela prefere ficar 'enfurnada' aqui o dia todinho. Ela diz que não gosta mais de fazer nada, que não gosta de sair, mas mostra uma 'neca' pra ela!”
xímaco	18/07/2013	“Agatão já tá cansado; já não sai mais e nem quer mais tá envolvido com as coisa. Ele fica tempo sem ir no Caju-Una. Ele também já trabalhou muito! Agora só tem uma coisa que ele não cansa: é de homem!”
Pausânias	04/08/2012	“Tem uma coisa no Agatão: ele não aceita muito bem a velhice! Ele não consegue lidar com a perda de interesse dos meninos por ele, pelo corpo dele. Eu já acho que não vou ter muito problema em aceitar isso. Mas ele não, ele tem muita dificuldade...”

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Fedro e Erixímaco, Agatão diz não gostar de “sair de casa”. No entanto, apresentam argumentos e motivos diferentes. Segundo Fedro, Agatão não sai de casa porque “[...] ela já é barroca” (em 25/10/2012), ou seja, é velho – o termo *barroca*, aqui, significa precisamente isto: velho! Para Erixímaco, todavia, Agatão “[...] já trabalhou muito!” (em 18/07/2013) e, por isso, “[...] tá cansado” (em 18/07/2013). Pausânias é um pouco mais específico quanto à envelhecimento do amigo, tendo em vista que ele acredita que Agatão não consegue aceitar “[...] muito bem a velhice” (em 04/08/2013), já que percebe haver nisso a “[...] perda de interesse dos meninos [...] pelo corpo dele” (em 04/08/2012). Porém, todos concordam que Agatão tem uma vida sexual ativa, vindo daí a expressão jocosa que, certa vez, ouvi de Pausânias, relativamente a Agatão: “[...] ela é a bicha mais ativamente passiva que eu conheço!”

Corroborando a opinião de Fedro e Erixímaco, o próprio Agatão admite:

[j]á trabalhei no Jubin, em Salvaterra e depois aqui em Soure. Depois que saí de Soure, morei muitos anos em Salvaterra. Mas quando eu voltei

pra cá, passei cinco anos sem voltar lá. Fui professor, diretor de escola e secretário de educação. Em Salvaterra tem duas escolas com o meu nome. Trabalhei por 43 anos seguidos. Eu já tô cansado! Hoje eu quero paz e tranquilidade. É disso que eu gosto! O único trabalho que tenho hoje é me embalar na minha rede e fazer palavras cruzadas (em 05/08/2012).

Por outro lado, reconhece:

[...] Vou te dizer uma coisa: eu já amei muito uma pessoa! Foi na época que eu morei em Salvaterra. Nós tivemos um caso por muitos anos. Ele já é falecido... Aqui em Soure, eu morei com um rapaz. Nós ficamos uns cinco anos juntos. Ele era muito prestativo, mas esse eu não amava; eu só gostava! Mas ele veio com uma conversa, dizendo que tava namorando, mas que queria ficar comigo e com ela, aí eu disse: “*Não, então vai!*”. Não briguei, não fiz escândalo. Hoje em dia ele é casado, tem família. No caso dele, eu reconheço que a culpa foi minha: eu dava muita liberdade! Ele mesmo diz que eu sou o culpado pelo nosso fim. De vez em quando ele ainda me procura pra emprestar meus discos. Quem nunca errou nesta vida?... Do Preto eu já gostei muito, mas não gosto mais. Eu tô gostando agora de um rapaz bem dali. Ele é branco, tem 18 (dezoito) anos, muito bonitinho sabe? Só tem um problema: fuma maconha e bebe muito (em 16/03/2013).

A distância que se estabelece entre os marcadores sociais da juventude e da velhice opera uma espécie de reforço das noções de “dinamismo/atividade” e “limitação/dependência” que supõem uma diferença entre os papéis culturais de jovens e velhos, com relação às suas necessidades cognitivas, laborais e sexuais (NEVES, 2012). Em um contexto sociopolítico como o do mundo capitalista, onde a importância dos laços humanos e o cultivo dos afetos se transfiguram em mercadoria e/ou se liquefazem na exigência de novidades, a pessoa definitivamente velha representa um limite, uma barreira, um estorvo, que é preciso reposicionar, a fim de que a própria noção de envelhecimento seja afastada e os imperativos da juventude celebrados (STEPANSKY, 2012).

Por outro lado, se aquela imagem da velhice encarnada na aposentadoria ou no isolamento e/ou no cuidado com os/as netos/as e, principalmente, no tratamento de doenças está sendo, cada vez mais, substituída pela imagem de velhinhos e velhinhas sorridentes, brincalhões e dançantes nos salões e festas dos clubes ou universidades da “terceira idade”, observa-se que a abordagem do tema não superou a ideia de que o lugar preferencial da velhice é mesmo o passado e a memória – entendidos como coisas distantes, que residem alhures, num tempo/espaço que parecem ter sentido apenas lá, onde a lembrança trava uma luta contra o esquecimento *de si, dos outros e da própria vida* (MUCIDA, 2009).

Enquanto categoria de análise, quer na Psicologia Social, quer na Antropologia Cultural, a memória é um aporte e uma referência necessária ao estudo e à reflexão das trajetórias biográficas, porquanto atualiza a autorrepresentação histórica e social que os sujeitos têm de si mesmos (BOSI, 2004). Por essa razão, ela não pode ser tomada simplesmente como um resgate de histórias perdidas nas lembranças, mas sim como uma faculdade de reelaboração de um tempo vivo e presente, atual, pois o que se narra e o que se cala descrevem os efeitos subjetivos de experiências socialmente compartilhadas. Nesse aspecto, a noção de “trajetória de vida” ou “trajetória existencial” deve ser considerada, visto que desessencializa e desnaturaliza a noção de “fases da vida”, com suas “demandas características” e seus “comportamentos típicos”.

Como se pode ver, o tratamento da questão do envelhecimento e da velhice possui um teor amplo, geral e abstrato que, por sua vez, não vai além da comparação com as noções e representações de juventude e, comumente, não rompe com os imperativos da heterossexualidade, destacando-se mesmo a relevância do sexo nesse período da vida, sem, contudo, romper os esquemas binaristas que opõem os gêneros e as performatividades sociosexuais estabelecidas: homem/mulher, masculino/feminino.

O presente trabalho procurou superar os debates anteriores em quatro principais aspectos: 1) entrecruzando as noções de envelhecimento e homossexualidade; 2) aproximando as noções de “modo de vida gay” e masculinidade; 3) situando a reflexão no nível das experiências de quatro homossexuais masculinos em processo de envelhecimento; e, finalmente, 4) deslocando o olhar do universo centro-urbano para o contexto de uma cidade do interior do estado do Pará, localizada na Ilha do Marajó, na Amazônia brasileira.

Portanto, o tema “envelhecimento gay e homossexualidade masculina” emergiu tanto da necessidade de se contribuir com os debates

acerca da velhice, numa perspectiva da diversidade sexual – tomando de empréstimo o modelo de análise da “coorte geracional” para se compreender o tempo/lugar das práticas de sociabilidade homoerótica de gays envelhecidos –, quanto da necessidade de se vislumbrar as estratégias de gozo e satisfação do prazer de homossexuais masculinos que, em virtude de não mais participarem do grupo social das “bichas novas”, são, praticamente, impedidas de fazerem parte do mesmo “circuito” de expressão da sexualidade, por estarem “coroas”, “velhas”, “barrocas” (SIMÕES, 2011).

A escolha do local de pesquisa deveu-se, basicamente, à necessidade de operar um “giro copernicano” nos estudos antropológicos referentes à problematização do envelhecimento de homossexuais masculinos, ampliando horizontes etnográficos, descentralizando um debate que se “ensaia” a partir de grandes metrópoles como São Paulo, Fortaleza e Belém e desenvolvendo-o a partir de um contexto marajoara.

Considerações finais

No imaginário coletivo – trata-se aqui do imaginário, isto é, de representação e não da realidade vivenciada necessariamente –, a passagem dos 20 (vinte) para os 30 (trinta) anos significaria, nas experiências de vida de um homossexual masculino e centro-urbano, uma preocupação quanto ao futuro. Isso se agravaria ainda mais no transcurso do tempo, à medida que se vai envelhecendo (MOTT, 2003; SIMÕES, 2005). A restrição dos espaços de (homos)sociabilidade, em decorrência dos “interditos da idade”, e os dramas pessoais/existenciais (como solidão, dificuldades para conseguir parceiros sexuais, limitações físicas, doenças e morte) imporiam um triste e melancólico fim à “bicha velha”. Entretanto, tais especulações se sustentam, inequivocamente, no mesmo campo dos “pré-juízos” e preconceitos que cercam as pessoas que amam e praticam o *same sex love* ou o *amor que não ousa dizer seu nome*.

Se esse amor não “se revela”, é porque a ele se impõem as sanções compulsórias de uma moral heteronormativa. Porém, esse amor não se sufoca nem se extingue, porque, de fato, ele descreve a condição subjetiva de todos/as aqueles/as que resistem às portas do armário que procura esconder a plasticidade e a diversidade estética do desejo humano. Ora, “ser um gay envelhecido” não pode ser uma tragédia. Pelo contrário, é um tom a mais no colorido LGBT. No entanto, se a questão apresenta contornos próprios, ela se torna muito mais específica quando se observam as experiências e trajetórias

de vida de homossexuais masculinos em uma cidade de porte médio para a realidade de uma Amazônia Marajoara.

É justamente isso, portanto, que Agatão, Erixímaco, Fedro e Pausânias, meus interlocutores diretos nesta pesquisa, ensinam, a saber: independentemente da idade, o desejo e o exercício da sexualidade estão sempre renovados, ressignificados. Como muitos homossexuais envelhecidos nos centros-urbanos, eles constituem um grupo de amigos e uma rede de apoio e solidariedade, em que conflitos e tensões presentificam-se, visto que se trata de sujeitos distintos que, ora demonstram afinidades e sentimentos/pensamentos convergentes, ora discordam e tencionam com respeito ao exercício e cuidado de si.

Todavia, enquanto um grupo de amigos nativos de Soure, Agatão e os demais possuem técnicas de flerte e conquista diferentes que se performatizam em situações que informam um contexto outro, em que o barco que realiza a viagem Belém-Camará-Belém é, por exemplo, lugar propício para olhares e “paqueras” ou, ainda, a reserva e a intimidade da casa/da cama indicam o sossego e a tranquilidade de um sexo que busca a calma de um prazer amadurecido. Em Soure, particularmente no caso de Erixímaco e Fedro, o catolicismo e o candomblé nagô, respectivamente, são o pano de fundo para “fazer garotos” ou “se virar em Oxum”.

A economia das trocas afetivas integra cenários em que se transbordam os limites e fronteiras de gênero, no qual a gongação, a tombação e a frescação denotam as preferências sexuais, os sucessos e o fracassos quanto às parcerias, mas também integra as preocupações com a vida política e, conseqüentemente, a inserção de cada um deles em uma dimensão religiosa – seja negando ou afirmando o catolicismo, seja exercendo uma outra devoção, como Fedro, que é pai de santo e tem um terreiro que se localiza num bairro de ocupação popular, distante do centro comercial da cidade.

A partir de minha inserção no campo de pesquisa e da observação etnográfica do cotidiano de Agatão, Erixímaco, Fedro e Pausânias, pude constatar que a convergência de experiências geracionais encontra-se em um *ethos* homoerótico que lhes é comum, o que não significa, porém, a dedução de um modelo ou elaboração de um certo tipo ideal de comportamento, que apresente uma síntese numa fórmula a partir da qual seja possível entender as suas práticas. Quando, nesta pesquisa, busquei a sistematização de algumas informações coletadas em campo e, a partir daí, estruturei quadros, o método utilizado foi o comparativo, permitindo-me cotejar e organizar esquemas de aproximação, sem nenhuma pretensão de buscar um esquema de valor categórico e preempório.

Ora, esta pesquisa se inscreve nos horizontes de uma antropologia contemporânea e, como tal, pretende estabelecer um diálogo com as abordagens anteriores que tratam da questão do envelhecimento e da própria homossexualidade, problematizando, destarte, os silenciamentos em torno da relação entre o processo de envelhecimento de homossexuais masculinos e seu modo de vida, partindo-se de uma realidade nativa e local, de uma cidade ilhéu. Considerando alguns debates foucaultianos e determinadas reflexões sociológicas e antropológicas de alguns autores das Ciências Humanas e Sociais – Simões (2011), Mota (2009) e Paiva (2007, 2009) –, procurei abrir novos arquivos, isto é, arquivos da dissidência e, com isso, avançar em uma direção do entendimento da *ars erotica* de meus interlocutores.

Por essa razão, adotei aqui a noção de “modo de vida”, que, por sua vez, entendo como a maneira pela qual determinado sujeito ou grupo constitui a própria existência quanto às vivências e/ou experiências passadas e presentes, às relações intersubjetivas, à autopercepção histórica, à memória e ao conjunto de suas práticas e representações simbólicas, desenhando, pois, ao longo da vida, uma *carreira existencial*, isto é, uma *trajetória (auto)biográfica* que se exprime tanto em atos de fala (no nível da linguagem) quanto pela *performatividade* (em termos de comportamento e ação), indicando signos e valores que delineiam, portanto, os traços de subjetividade e as marcas (sócio-históricas) da identidade (PAIVA, 2007).

Talvez a definição precise de alguns importantes ajustes; no entanto, minhas orientações teóricas ensejam, aqui, a noção de cultura como “teia de significados” (GEERTZ, 1989), o que me possibilitou um exercício hermenêutico e interpretativo das experiências de vida e memória de meus interlocutores – a partir das trajetórias e carreiras existenciais que eles mesmos me relataram em campo – e, também, da observação participante de seu cotidiano –, seja embalando-se numa rede ao som de boleros antigos, seja cruzando palavras no sossego de uma cadeira de vime, como no caso de Agatão, seja organizando uma procissão religiosa, como no caso de Erixímaco, seja, ainda, celebrando e dançando entre deuses do candomblé e espíritos e entidades metafísicas, como no caso dos festejos que participei no Recanto de Ogum.

Se Agatão aparece como personagem principal dessa trama cartografada entre idas e vindas a Soure, num intervalo de tempo que se prolongou de agosto de 2012 a abril de 2014, Pausânias tem, inequivocamente, um papel importante em minhas reflexões etnográficas, uma vez que 1) possibilitou-me o contato com os interlocutores e 2) conduziu-me os passos do percurso que trilhei do começo ao fim do presente texto. Essa é,

certamente, uma situação singular que demonstra o seu grau de colaboração nesta pesquisa, sem desconsiderar a importância de Agatão, que, além de abrir as portas de sua casa para mim, tratava-me com o carinho de um velho amigo professor, que me educava e instruía acerca de sua envelhecimento.

Envelhecimento e envelhecimento gay são termos procuram relativizar uma condição socioexistencial e sexual a partir, justamente, do modo de vida de Agatão, Fedro, Erixímaco e Pausânias, em vista de sua performatividade enquanto homossexuais em processo de envelhecimento. A heterotopia de seus desejos, gozos e prazeres remete a um conjunto de táticas ou estratégias de resistência e de vivência/experimentação da sexualidade, sendo Soure não uma metáfora ou um “pano de fundo” apenas, mas uma personagem de cores, cheiros e sabores específicos, na qual uma vida urbana se encontra com fazendas de campos alagados, tendo uma comunidade pesqueira e uma área de ocupação popular muitas coisas em comum.

As viagens de campo, os deslocamentos pelas ruas largas e pelas travessas paralelas, o espanto com o livre trânsito e pasto de búfalos pelas vias (muito embora esse animal goze de um *status* quase sagrado em Marajó), competindo com pedestres, ciclistas e mototaxistas, as visitas à casa de Agatão e as observações da VIII Parada do Orgulho LGBT, do Círio do Caju-Una e das giras de Caboclo e Orixás em homenagem a São Jorge no Recanto de Ogum compõem os elementos nos quais Soure também aparece em primeiro plano, assim como meus interlocutores e seus trejeitos, maneirismos, sentimentos, pensamentos, expressões, silogismos, preferências e práticas.

Se minhas incursões no campo exigiram-me, inicialmente, o aprofundamento do olhar sobre a paisagem da homossexualidade envelhecendo em uma cidade da Amazônia Marajoara, o retorno, a volta, a “viagem de volta” constituíram uma espécie de “consciência inconsciente” de minha própria condição existencial. São quatro interlocutores, quatro vidas, cada uma desenhando uma trajetória no nível de suas experiências – *existências-poema* que se permitem aquilo que a moral heteronormativa (des)qualifica como abjeto, qual seja, performatizar sociosexualmente o *amor* por outros homens. Agatão, Erixímaco, Pausânias e Fedro configuram-se como nativos de um *Symposium* em que o elogio a *Eros* se traduz numa “diálogoção” antropológica sobre a arte de envelhecer.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cidadezinha Qualquer. In: _____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 63.
- BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2004. 219p.
- BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=150790&search=para|source|info%EF1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>>. Acesso em: 01 jan. 2016.
- CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125p.
- EDGARDO, Castro. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 477p.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 445p.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais – Curso no Collège de France (1974-1974)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 330p. (Coleção Obras de Michel Foucault).
- FOUCAULT, Michel. 2011. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2011. 176p.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 21. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 236p.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 213p.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012. 158p.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2003.
- MOTA, Murilo Peixoto. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais*, Vitória, v. 1, n. 6, p. 26-51, 2009.
- MOTT, Luiz. 2003. *Crônicas de uma gay assumido*. Rio de Janeiro: Record. 317p.
- MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 149p.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. Corpo, velhice, projeto e neoliberalismo. In: VILAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. *Que corpo é esse? novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. p. 51-56.

PACHECO, Agenor Sarraf. A conquista do ocidente marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, D.; MARTINS, C. (Org.). *Muito além dos campos: Arqueologia e História na Amazônia Marajoara*. Belém-Pará: Gknoronha, 2010. p. 13-32.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. *Reservados e Invisíveis: o ethos íntima das parcerias homoeróticas*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes, 2007. 368p.

_____. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas*, Natal, n 4, p. 191-208, 2009.

_____. Amizades e modos de vida gay: por uma vida não fascista. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Org.). *Cartografias de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 41-51.

PLATÃO. *O Banquete: apologia de Sócrates*. Belém: UFPA, 2001.

SANSOT, Pierre. Le variation du paysage. In: _____. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983. p. 25-41.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: Pensando Idades e Identidades Sexuais. In: PISCITELLI, Adriana *et al.* (Org.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 415-447.

_____. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC)*, São Paulo, v. 22, n. 50, p. 07-19, jul. 2011.

STEPANSKY, Daizy. Velhice, imaginário e cidadania. In: VILAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. *Que corpo é esse? novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. p. 155-170.

